



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 16ª
Reunião Plenária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social –
CDES**

Palácio do Planalto – DF 23 de março de 2006

Eu não ia falar porque, com tanta gente especialista em educação, não precisaria o Presidente da República falar sobre educação. Mas eu quero dar uns palpites porque esta é a hora em que a gente dá sugestão.

Eu acho que toda vez que nós vamos discutir um assunto da envergadura que é o assunto educação... eu acho importante, em primeiro lugar, a gente reconhecer os avanços que aconteceram no Brasil nos últimos tempos, não apenas no nosso governo. A decisão de incluir todas as crianças na escola foi um passo extremamente importante. O segundo passo é melhorar a qualidade de todas essas crianças que estão na escola. Desde 2004, o Fundeb transita por este país afora e ainda falta ser votado, para que se tenha 4 bilhões e 300 milhões a mais na educação brasileira.

E a gente não pode falar da ótica da educação apenas pensando na região Centro/Sul do país, é preciso pensar na totalidade do povo brasileiro. E o que nós descobrimos aqui? É que em 2004, estados do Norte e do Nordeste tinham uma coisa impensável: os alunos terminavam o ensino fundamental e não tinham condições de fazer o 2º grau porque não tinham dinheiro. Nós criamos, quase em caráter de urgência, o Fundebinho, para investir 400 milhões de reais, para garantir que as crianças que tivessem terminado o ensino fundamental pudessem fazer o 2º grau.

Com o Fundeb, se aprovado, a gente vai poder garantir que todas as regiões do país possam ter um certo equilíbrio na formação das crianças brasileiras. Quanto mais tempo passar sem se votar o Orçamento, menos



dinheiro a gente vai gastar a cada ano. Já poderíamos estar gastando, aí, alguns milhões e não estamos gastando porque o Orçamento não foi aprovado.

A segunda coisa é que quando a gente fala em melhora na educação, nós temos que nos lembrar que a situação dos educadores brasileiros vem num processo de deterioração que, hoje, não seria mais possível um artista brasileiro cantar aquela música enaltecendo a normalista ou a professorinha. Se antes a profissão era motivo de orgulho, hoje é motivo de sofrimento. Tem muita gente que quando diz que é preciso enxugar o Estado, dar um choque disso, um choque daquilo, a primeira coisa em que se pensa é cortar salário. Nós não vamos nunca motivar uma pessoa a ser um extraordinário educador se a gente não garantir que essa pessoa, no final do mês, tenha como resultado do seu trabalho o mínimo de condições de sobrevivência.

Todos nós só podemos ser produtores de 100% da nossa energia se nós estivermos bem conosco mesmos, e ninguém pode estar bem sendo tão desvalorizado. Se vocês quiserem fazer uma comparação – eu não tenho, mas aqui tem reitores, reitoras e ex-reitoras – podem fazer em dólar, de quanto custava o salário de um professor titular de qualquer área há 15 anos, nas universidades brasileiras, e agora, que vocês vão perceber que está menos da metade.

Eu estava perguntando para o nosso reitor da Bahia: se um professor top de linha, titular absoluto na Universidade da Bahia... para não pegar o reitor e pegar uma figura conhecida, que vocês conhecem, o José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras: ele era professor titular da área de economia e o salário dele era de 5 mil reais por mês. Se você pega um professor em início de carreira, o salário, para tempo de exclusividade total, é 2.300 reais. Os metalúrgicos da Volkswagen, com umas boas greves, estão ganhando mais do que isso. Alguns, não é, Marinho?

Então, se nós não discutirmos esse problema, nós não vamos convencer a sociedade de que é possível aumentar salário, nós não vamos conseguir



convencer a sociedade de que é preciso aumentar, e o Senado votar no Congresso, tirar algumas coisas e colocar outras para aumentar o dinheiro para a educação. Quando vamos fazer o Orçamento da União prevalece o corporativismo que está enraizado na estrutura cerebral de todos nós. É uma briga de puxar fatias, cada um quer um pedaço, e cada um acha que o seu setor é mais importante. Não tentem convencer ninguém da saúde que a educação é mais importante, que não vão conseguir convencer. Não tentem convencer o pessoal da área de transporte que a educação é mais importante, que não vão convencer, e, assim, sucessivamente. É uma política de convencimento da sociedade e nós não vamos conseguir reestruturar o ensino no país se a gente não começar a mexer na essência, que é motivar os nossos educadores a voltarem a ter prazer de serem educadores.

Eu dizia ao ministro Tarso Genro e, depois, ao Fernando Haddad, uma coisa que eu vou dizer para vocês agora. Eu conheço, e aqui outros conhecem a vida de um menino pobre em uma escola pública deste país. A impressão que eu tenho é de que, espalhada por esses oito milhões e meio de quilômetros quadrados, a situação está tão degradante que hoje nós não temos nenhum processo mais forte para saber se os alunos estão aprendendo. Eu me lembro que eu pedi ao Fernando Haddad e ao Tarso Genro, no começo do ano passado: é preciso voltar a fazer prova para a gente saber se as crianças estão aprendendo. Nós temos que fazer um teste. Foi feito um teste na 4ª e na 8ª séries. Eu preciso saber se as crianças estão aprendendo, qual é o grau de conhecimento dessa criança porque, senão, essa criança entra na escola, o professor cumpre o seu compromisso profissional de dar uma aula de 45 minutos ou de uma hora, sai da sala de aula, vai embora e ninguém pergunta para o aluno: você aprendeu?

Então é preciso um sistema de ensino sério, um processo de avaliação sério, para a gente acompanhar o desenvolvimento das crianças brasileiras. Foi feito, mas eu ainda não tenho o resultado. Eu espero ter o resultado,



porque não existe outra condição de nós avaliarmos se as crianças estão ou não aprendendo. Eu tenho um filho em escola privada. Agora, já não está mais, mas todo mês tinha um teste para ele. E todo mês, se ele estivesse fraco em uma matéria, ele era intimado a ficar de reforço naquela escola. Eu até falei para o Fernando Haddad: vamos ver se a gente consegue criar a figura do suplente nas escolas públicas e a figura do professor de reforço. Se você medir uma criança que está fraca em Geografia, aquela criança vai ficar algumas horas para aprender alguma coisa, porque o objetivo não é a criança ficar quatro, cinco, seis, sete ou dez anos na escola. O objetivo é que, no tempo em que ela fique, ela aprenda.

Nós tínhamos um outro problema no Brasil. Nós tínhamos criança – o filho da Gazzola, por exemplo, da nossa reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, que poderia pagar uma escola particular para a filha fazer a pré-escola, uma creche com brinquedo, com um monte de coisas, tal. Então, essa filha dela, ao completar sete anos e entrar na escola pública – estou falando de escola pública – junto com uma criança filha de uma família que não teve condições de colocar a criança na pré-escola, vão começar a dizer que a criança pobre é mais burra do que a filha da Gazzola, que chegou sabendo ler, chegou sabendo escrever o nome, chegou sabendo algumas operações, dois mais dois, a montar um joguinho. Quando nós aprovamos aumentar para nove anos o tempo de permanência das crianças na escola, é para tentar reparar uma deficiência que estava ficando crônica. Se não há a preocupação de saber se a criança está aprendendo, e se a criança entrou na escola mais defasada do que a outra, ela vai passar uns anos...

Ontem, eu fui a Lauro de Freitas, na Bahia, e eu perguntei para várias crianças... vocês viram foto minha, agachado, conversando com as crianças... Tem criança que já repetiu três anos. E, certamente, essa criança não é mais burra do que a outra que passou.

Então é preciso que haja, da parte do educador brasileiro, também, a



preocupação de saber se cada aluno seu está aprendendo. De que adianta eu entrar em uma sala de aula, João Felício, dar uma aula... Isso é como comício. Quando você vai fazer um comício – isso a gente aprende perdendo eleição – você, às vezes, tagarela, tagarela, tagarela, mas você não se pergunta: será que eu convenci? Eu conto sempre isso: uma vez, no Rio de Janeiro, eu gritei tanto, fiquei tão nervoso, falei tanto em reforma agrária que quando eu terminei, uma senhora foi na ponta da escada me esperar e falou o seguinte: “Lula, você não poderia falar um pouquinho mais calmo? Porque tudo o que você está falando eu poderia concordar se você não estivesse tão bravo, tão nervoso. As pessoas vão sair daqui assustadas com você”.

O Fernando sabe que é uma preocupação minha, as crianças estão realmente aprendendo? Nós temos condições de avaliar? Agora, isso é uma responsabilidade de cada estado, porque o nosso sistema é um sistema em que os estados são responsáveis pelo ensino fundamental, às vezes algumas prefeituras são. Hoje, isso é uma coisa que é preciso levar a sério. A própria qualidade de muitas escolas produzidas no Brasil hoje... as escolas não pensam em lazer, as escolas não pensam em acesso à cultura, não pensam em nada. Eu não sei se, para ficar mais barato, constrói-se uma caixa de fósforo e metem as crianças lá dentro, não tem uma interação com a necessidade de uma criança. No nosso tempo, tinha. Era rua livre para a gente brincar. Hoje não tem; hoje, saiu da calçada, é um assalto, um carro, ou alguém tentando passar droga para as crianças.

Então, se a escola não tiver essa... as escolas não forem construídas para garantir que as crianças sintam prazer ao sair de casa e ir para a escola. E aí, Fernando, é preciso que a gente coloque os governadores numa mesa e discuta esse tipo de coisa porque eu ouvi, eu não estava aqui mas eu ouvi o pronunciamento das pessoas que falaram antes de mim. O Gerdau disse uma coisa importante: o problema não é de um governo, de um partido, o problema é da nação brasileira.



Nós temos que definir claramente o que nós queremos ser daqui a 20 ou 30 anos, porque nós só vamos resolver o problema da educação daqui a duas gerações, não vai resolver em curto prazo. Você tem que começar a investir agora para que a gente possa colher isso... O seu filho, meu companheiro Peta, quando o seu filho estiver entrando na escola a gente vai ter o problema da educação mais ou menos resolvido mas, para isso, precisa começar a pensar agora no todo, porque senão a gente fica dizendo: falta dinheiro, falta isso, falta aquilo. Falta um monte de coisas e tem que ter uma combinação de fatores para que a gente possa fazer com que dê certo o processo no Brasil.

Vejam, no Brasil tinha se tomado uma decisão, pasmem, de que o Estado brasileiro não poderia mais ser responsável pelo ensino técnico. Com base nisso, decidiu-se que as escolas técnicas só existiriam se uma prefeitura assumisse a gestão ou se uma entidade assumisse a gestão. Aí, começou-se a construir uma coisa chamada Proep, isso em 1998, 1997, sei lá. Então, o dado concreto é que nós temos centenas de Proeps quase prontos, sem funcionar, porque os municípios não têm condições de tocar, muitos porque as entidades que queriam tocar não têm condições de tocar.

Eu já decidi transformar 18 (inaudível) em escolas técnicas e o governo federal assumir a responsabilidade de tocá-las e construir as escolas técnicas que estão faltando no Brasil, porque não adianta falar em desenvolvimento, em política industrial se a gente não tiver mão-de-obra qualificada. Se não tiver mão-de-obra qualificada a gente vai ficar mais atrasado ainda e é por isso que as escolas técnicas são extremamente importantes. Vai custar mais? Vai, mas nós vamos ter que fazer e não vamos ficar lamentando o que não foi feito não sei quanto tempo não.

O dado concreto, meu caro Ministro da Educação, é que nós temos escolas técnicas no Brasil, de tão boa qualidade que as crianças que estão estudando lá, não estão estudando para exercer a profissão, estão estudando para fazer vestibular e ir para a universidade, porque na escola técnica a



qualidade muitas vezes é melhor que nas escolas que fazem o 2º grau. Nós temos que priorizar, para as escolas técnicas, as pessoas que vão exercer a profissão que aprenderam. Tem que ter um critério para que a gente possa dar vazão às necessidades de mão-de-obra qualificada que nós precisamos.

Uma outra coisa que me chamou a atenção. Eu me lembro que uma vez houve uma reportagem no estado do Piauí, há muitos anos, sobre uma criança que não ia à escola, a mãe não deixava ir à escola porque a criança não tinha o que comer. E nós sabemos que é elementar, se as pessoas não tiverem ingerido as proteínas e as calorias necessárias, essas crianças vão para a escola e não vão conseguir aprender.

Bem, isso parece resolvido, em parte. A merenda escolar cresceu no Brasil inteiro, aumentou-se um pouco, em 40%, a verba da merenda escolar que estava há 13 anos sem aumentar. Mas ainda é pouco, o ideal é que a criança possa comer em casa, possa comer o seu anguzinho em casa quando a mãe puder preparar.

Bem, hoje, o que nós temos de paradoxo? Nós temos de paradoxo um problema que os educadores brasileiros chamam... assustador. Eu confesso a vocês que eu sou do tempo da disciplina, eu sou do tempo em que a professora entrava na sala de aula e a gente se levantava, em respeito à professora. Depois o Brasil se modernizou muito, isso ficou sendo chamado de autoritarismo e hoje isso não acontece mais. Mas o que a gente mais vê nos jornais e na televisão são fatos de que professores não têm mais condições de exercer a sua função de mestre dentro da sala de aula, exigir disciplina, exigir cumprimento de tarefa, porque a televisão mostra, os rádios e os jornais, que tem crianças que pegam professor na rua, que batem, tem professor com medo, é aquele negócio... e a gente percebe que isso vem crescendo pelo Brasil afora.

Isso é muito difícil de falar, é muito difícil porque a modernidade exige que a gente seja mais sofisticado na linguagem. Mas esse é um dado concreto



e objetivo das escolas da periferia deste país. Esse é um dado muito objetivo.

Se nós não motivarmos as crianças a irem para a escola e gostarem da escola, tudo o mais estará mais difícil. Nós inventamos um programa, através do Ministério do Esporte, chamado programa Segundo Tempo. Estou indo ao Rio de Janeiro amanhã fazer um convênio com a Ong Viva Rio, para incluir 50 mil crianças lá... me parece que é na Favela da Rocinha. São crianças que vão praticar esporte quando estiverem fora do horário da escola. Se estudar de manhã, pratica esporte à tarde, se estudar à tarde, faz de manhã. Já estamos com 1 milhão de crianças fazendo essa prática.

Mas isso não precisa ser apenas o governo federal. Tem muitas empresas que têm campos de futebol. Eu entro em empresas e tem um campo de futebol extraordinário, nem o Corinthians joga em um campo daquele. E fica fechado o tempo inteiro, até que um dia os funcionários resolvam jogar. A empresa poderia ter a atitude de fazer um convênio e falar: “olha, durante a semana, os trabalhadores têm que trabalhar e não vão jogar bola. Durante a semana, durante o dia, essas crianças vão ocupar esse espaço aqui para praticar o tipo de esporte que quiserem”. Porque, se ficar dependendo do governo federal, do governo estadual ou municipal arrumar dinheiro, aprovar no Orçamento e fazer, todo mundo sabe que vai demorar muito mais.

Então, é preciso descobrir uma palavra mágica: com o que cada um de nós pode contribuir. É bobagem ficar achando que o problema é do governo que está, do governo que passou, do governo que vem. E não é, porque nós somos passageiros, os governos são passageiros enquanto governos. Enquanto cidadãos, nós somos um pouco mais passageiros, mas demoramos um pouco mais na nossa vida. Eu acho que todos nós temos prazer de ligar a televisão e ver uma boa notícia. Aliás, no Brasil, ultimamente as pessoas preferem não dar boas notícias. Eu vi aquele programa do Fantástico, no domingo, e é uma coisa extremamente grave. Agora, vejam, se a gente fosse naquele mesmo lugar, a gente iria perceber que ali está cheio de mães pobres,



está cheio de crianças pobres, e que as crianças não estão no narcotráfico, não estão nas ruas, e estão estudando. Não é apenas a pobreza que leva as pessoas para aquele nível de situação. Se fosse assim, eu estaria, porque eu digo sempre para os meus companheiros: eu estudava no Visconde de Itaúna, lá na Silva Bueno, no Ipiranga, e eu saía na quinta-feira... Naquele tempo, maçã, no Brasil, era uma raridade, o Brasil não produzia, tinha aquelas maçãs argentinas, grandes, e cada vez que eu passava na feira me dava uma vontade de pegar uma e sair correndo. E sabem por que eu não pegava? Eu não pegava, não era por medo de apanhar da minha mãe. Eu não pegava porque eu não queria envergonhar a minha mãe.

Estou dizendo isso porque nós ficamos discutindo, aqui, a economia, a cada dia nós colocamos um tema novo, a cada dia nós fazemos uma coisa, tem sempre um culpado, não sei das quantas, e tal. Há uma coisa, no Brasil, que nós precisamos discutir com profundidade, que é o processo de degradação da estrutura familiar neste país. Essa é uma discussão que nós temos que fazer e encarar os problemas com muita seriedade porque estão intimamente ligados à educação, estão intimamente ligados à saúde. Nós temos que discutir a situação de degradação em que as pessoas não se respeitam mais. E não é apenas por conta da pobreza, a pobreza contribui para isso, obviamente. Mas eu morei muito tempo da minha vida em um quarto e cozinha com 13 pessoas, e nunca nenhum irmão meu foi para a bandidagem. Todos nós fomos criados, porque tinha uma referência. Qual era a referência? A mãe. Minha mãe era a referência.

Eu penso que nós precisamos começar a discutir como recuperar esses valores. A gente fala em violência... muito bem, violência, violência, violência, mas liguem a televisão para a gente ver a quantidade de violência, e vamos comparar com os programas educativos. As chacinas passam às três horas da tarde, ao meio-dia, às cinco horas da tarde, às sete horas da noite, às dez horas da noite. Os processos educativos passam às cinco horas da manhã, às



seis horas da manhã. Quando nós vamos ter coragem de discutir esses assuntos com mais seriedade para ver se a gente encontra uma solução? Aí, sim, eu penso que nós vamos resolver parte do problema da educação.

Uma outra coisa – os educadores aqui – que nós temos que resolver é o seguinte: uma pessoa de classe média coloca o seu filho na escola e quando essa criança tem uma dúvida, chega em casa e fala: “mãe, eu estou com uma dúvida”. Ela tem a mãe, que pode ensinar, porque a mãe tem uma formação. Ela tem o pai que pode ensinar porque tem uma formação. E uma criança pobre, que chega em casa, a mãe tem o terceiro ano de escolaridade apenas, o pai tem o segundo e não sabem nem o que ela está perguntando? Em que espaço essa criança vai recuperar esse tempo? E aí nós vamos resolver muita coisa na educação brasileira.

Eu disse tudo isso para concluir, dizendo o seguinte: companheiros, eu acho que já foi dito aqui, não existe exemplo, no mundo, de nenhum país que se desenvolva se a gente não investir em educação. E, depois de a pessoa formada, tem que ter um salário decente. Muitas vezes eu vejo a iniciativa privada criticar o Estado brasileiro: “não, porque o cidadão ganha demais”. Eu gostaria de saber: os gênios que nós temos na máquina pública ganhando 5 mil reais, quanto o Santander ofereceria para eles trabalharem? Estou cansado de ver gente sair do governo, ganhando 5 reais, para ganhar 30 mil, 40 mil, 25 mil na iniciativa privada. Há um tempo desses, eu vi uma pessoa da Petrobras sair para ganhar 80 mil na iniciativa privada e o Estado não pode competir, porque fez uma opção pela miserabilidade, porque um belo dia alguém inventou que era preciso acabar com os “marajás” neste país e até um trabalhador que ganhava 300 reais se achava “marajá”, porque o padrão de aferição era o padrão da miséria. É como na economia. Eu vi a carta que a Viviane Senna leu, e comparar o Brasil com o Haiti é no mínimo uma heresia porque em nenhuma hipótese, da economia à sociologia, a gente pode comparar as duas nações.



A gente poderia comparar o crescimento do Brasil com muitos países, com os Estados Unidos, com a China, mas nunca comparar do ponto de vista econômico, com debate político, com o Haiti, porque não tem comparação. Eu acho que a gente entra num processo de desinformação que não ajuda, até na educação política do nosso povo. Eu acho que esse é o desafio que nós temos que cumprir.

Agora, toda vez que a gente analisar, eu sei que teve gente que acreditou muito na educação ao longo da história deste país. Eu li um livro muito importante chamado “Geografia da Fome” um livro produzido pelo Josué de Castro em 1946, se não me falha a memória, em que ele descreve a vida do cidadão que mora na palafita, em que ele comia as próprias fezes porque fazia um buraco, criava o caranguejo, defecava ali, o caranguejo comia e ele comia o caranguejo, a história é mais ou menos essa.

Eu fui agora, com o Jaques Wagner, na Bahia, nos Alagados. A situação é a mesma, mas o livro foi escrito em 1946. Nós agora tomamos a decisão de criar o Fundo Social de Habitação e estamos assumindo o compromisso, não é nem político ou financeiro, é moral, de acabar com as palafitas no Brasil, que é o processo de maior degradação de moradia de um ser humano. Mas isso leva tempo, Peta, isso leva tempo.

Eu estava ouvindo um pouco e estava lembrando o seguinte: quando eu fui para a China, antes de ser presidente – eu cheguei lá depois daquela viagem cansativa que a gente faz para ir para a China – os chineses, do aeroporto, já me levaram para uma programação. Tinha uma tempestade de areia e me levaram para visitar a Muralha da China. Aí, toca a subir aqueles degraus, e sobe, aquela areia batendo nos olhos, e eu ficava me perguntando: puxa vida, quem é o louco que resolveu construir essa Muralha desse tamanho? E quanto tempo levou? Quantas vezes alguém desanimou no meio do caminho? Eu estou me lembrando agora que levou 250 anos para ser



construída, mas alguém teve que ter a coragem de colocar o primeiro tijolo, a primeira pedra, e ter paciência de esperar esse tempo todo.

As transformações que a educação brasileira está sofrendo não serão resolvidas no curto prazo. Não tem mágica de alguém chegar aqui e dizer para vocês: companheiros do Conselho, em dezembro do ano que vem está resolvido o problema de educação. Para resolver o problema da educação tem um processo de financiamento, é verdade, mas tem um processo de reciclagem de toda a sociedade educadora deste país para que a gente atinja um novo padrão, o padrão que nós desejamos. E eu quero terminar dizendo para vocês: é uma tarefa de todos, não é tarefa de um.

O que esses meninos fizeram na educação – eu digo esses meninos porque foi ele e o Tarso que fizeram, o Tarso começou e ele continuou – foi uma revolução. Eu não sei se na Rússia, em Cuba ou na China, quando houve a Revolução, em apenas um ano conseguiram aumentar em 203 mil o número de vagas nas universidades para as crianças pobres. Estou dizendo de janeiro do ano passado para janeiro deste ano, 203 mil; e vai chegar a 246 mil este ano. Ou seja, esta é uma revolução. Crianças da periferia que já tinham desanimado, que não tinham mais esperança. Se vocês tiverem oportunidade, colham o depoimento dessas meninas e desses meninos que conseguem uma bolsa para entrar na universidade. E mais ainda, o mais importante: desses todos, mais de 30% são meninas e meninos negros, que antes não tinham... daqui a dez anos, quando vocês precisarem de dentista, de médico vão encontrar médicos e dentistas negros, mas quase não existia neste país. Agora vai ser 40%, me parece, de negros. Obviamente que tem gente contra, porque neste Brasil tem gente contra tudo. Tem gente contra, mas nós vamos continuar teimando porque este país não permite a discriminação nem por origem social, nem por credo religioso, muito menos por cor de pele. Nós vamos continuar fazendo isso e vamos levar as cotas muito a sério porque este



país tem que ser equânime de verdade e não apenas nos discursos que cada um de nós faz.

Por isso eu quero, Wagner, dar os parabéns pelo tema. Os empresários aqui, ligados à ciência e tecnologia, sabem que o que foi feito nesses últimos 15 meses não foi pouco. Nós avançamos muito em ciência e tecnologia. Até doutores, a gente tinha uma meta para atingir, de dez mil, e já chegamos a 10.500 antes do tempo. A Lei de Inovação Tecnológica foi um avanço extraordinário, e outras coisas que eu espero que o Fernando Haddad tenha dito aqui. Mas muita coisa aconteceu, eu acho que vai continuar acontecendo, e vai continuar com a contribuição dos empresários... Eu me lembro que quando nós começamos a discutir o PC Conectado aqui, os pessimistas: “não, não vai dar certo, não vai dar certo”. Olha, nós vamos ter uma surpresa extraordinária.

O tal do comércio cinza, eu acabei de receber a informação, já caiu de 74% para 60%, com previsão de chegar logo, logo a 50%. Eles sabem que (o mercado cinza) é contrabando. Os computadores, que começaram com 1.700, estão sendo vendidos agora a 1.199, não vou fazer merchandising aqui porque tem gente aqui que está vendendo. A prestação, que estava a quase 70, já está a 59, e nós vamos atingir o objetivo. Tem uma fábrica, que todo mundo aqui conhece, que produz, a Positivo... eu vou dar um dado para vocês. Ela tinha 408 funcionários em janeiro de 2005. Agora, já tem 1.147, quase 800 trabalhadores... A fábrica tinha 3.500 metros quadrados de construção, agora já está com 12 mil metros quadrados de construção. Tem 42 fábricas inscritas e eu acho que logo, logo nós vamos poder vir aqui no Conselho e dizer para vocês: finalmente, o computador chegou ao pobre neste país. Finalmente ele deixou de ser um artigo de luxo. E agora estão entrando as grandes cadeias de supermercado, o Extra está entrando agora para valer e tem outras grandes cadeias entrando. Eu acho que logo, logo o computador não vai ser mais um instrumento da classe rica e da classe média brasileira, vai chegar aos pobres.



Tudo o que conta na vida da gente é isso. Quando a gente chega ao padrão de vida que está o Gerdau, ou chega ao reconhecimento político que tem o ministro Jaques Wagner, o que interessa para a gente é saber se nós seremos capazes de trazer, para mais próximos de nós, sem que a gente desça, aqueles que estão excluídos a vida inteira neste país e no mundo. E eu acho que nós poderemos fazer isso, se nós não tivermos vergonha de (inaudível) para pobre.

Eu estou proibido, no governo, de utilizar a palavra gasto quando a gente coloca política social. Se o empresário precisa de um empréstimo de 1 bilhão do BNDES, é investimento. Agora, se você precisa de 50 mil reais para cuidar de crianças, é gasto. Não tem investimento mais sagrado do que investimento em gente. E investir em gente significa dar educação, garantir a saúde e a possibilidade de as pessoas tomarem café, almoçarem e jantarem, além de outros direitos que as pessoas têm. Mas é preciso tirar da cabeça de todos nós a palavra gasto. E é com muito orgulho que eu digo: nós estamos fazendo 22 bilhões de investimento em programas sociais este ano. E, se Deus quiser, será uma política tão perene que nenhum governo, daqui a dois ou daqui a 30 anos, terá coragem de mudar, só terá que aperfeiçoar e melhorar, porque isso não é dádiva, isso não é assistencialismo. Quem toma café de manhã, almoça e janta todo dia, para esses não tem problema, qualquer outra coisa fora disso é assistencialismo. Mas para o pobre que se levanta de manhã e não tem um copo de leite para tomar, uma xícara de café para tomar, se recebe um dinheirinho, seja da Pastoral Operária, seja do MDS, esse dinheiro é tão sagrado quanto qualquer outra coisa que se faça de importante no mundo.

É por isso que nós temos que tirar a palavra “gasto” e colocar a palavra “investimento”, porque aí sim, quando a gente tiver a nossa população bem formada, estruturada, todo mundo com a barriguinha cheia, aí sim, nós vamos estar construindo um Brasil que não vai ter mais aquelas cenas do Fantástico de domingo. Eu não acho que a gente consiga recuperar aquelas crianças sem



recuperar a família, não acho. É a carência afetiva, é a falta de carinho, de amor que faz as pessoas perderem a esperança. Se a criança não tiver pai e mãe como referência, tudo para ela será mais difícil.

Então, quando a gente discutir educação, nós temos que discutir um pouco mais do que a sala de aula, do que o salário, discutir um pouco mais a problemática da sociedade brasileira. Mas, de qualquer forma, eu quero parabenizar os nossos companheiros que colocaram este tema, quero parabenizar o Conselho, que ganhou dimensão internacional. Agora, o Brasil vai presidir, me parece, a instituição mundial de conselhos a partir de 2007, e o reconhecimento da ONU, de levar o exemplo deste Conselho para outros países, é importante.

Muita gente pensa que não vale nada, mas só o fato de a gente se encontrar, convergir ou divergir, já vale muito mais do que o distanciamento que nós tínhamos antes de participar do Conselho.

Muito obrigado, Jaques Wagner, me desculpe pela demora da minha fala, mas é que eu vou me empolgando e vou falando, eu peço desculpas porque eu vou ter que ir ao Ministério dos Transportes fazer a nossa operação “recupera estrada”, que deixou algumas pessoas zangadas, mas nós vamos continuar fazendo porque o que conta são os caminhoneiros e os motoristas de carros.

Obrigado, gente.